

Espaço perdido durante a sucessão

CRISTIANA MENDES LÔBO

BRASÍLIA — No começo do ano, sete Governadores do PMDB se reuniram para um almoço na casa do Governo de Minas em Brasília, uma mansão no Lago Sul. Mesas bem arrumadas, comida típica e bebida da melhor: uísque escocês e vinho alemão. Depois da sobremesa e do licor, cada um com seu charuto cubano aceso, o Governador Orestes Quércia (SP) disse:

— Nós juntos faremos o próximo Presidente do Brasil.

Ali estavam os seus colegas Moreira Franco (RJ), Miguel Arraes (PE), Pedro Simon (RS), Tasso Jereissati (CE), Geraldo Mello (RN) e o anfitrião Newton Cardoso (MG).

— Temos de marchar unidos — completou Moreira Franco.

Miguel Arraes endossou:

— Isso mesmo.

Pedro Simon perguntou:

— Quércia, se houvesse segundo turno na eleição de Prefeito, tu colocavas lá o teu candidato?

O Governador de São Paulo usou a memória e constatou que João Leiva ficara em terceiro lugar na disputa. A mesma pergunta foi repetida a Moreira Franco, Newton Cardoso e Miguel Arraes. As respostas, todas negativas. Dos presentes, só Tasso Jereissati conseguiu eleger o candidato do seu partido à Prefeitura.

— Eu também não. Meu candidato (o Deputado Antonio Britto) ficou em quarto lugar — disse Simon. — O melhor, então, é a gente parar de sonhar e começar a trabalhar.

A conversa dos sete Governadores do PMDB dá uma dimensão do quanto eles esperavam influir na sucessão do Presidente José Sarney. Mas ficaram ao largo. No final das con-

tas, estão entre os maiores derrotados. Tentaram inviabilizar a candidatura do Deputado Ulysses Guimarães, ficaram expostos, não conseguiram emplacar outro nome e, no fim da campanha, ficou patente que as suas bases haviam sido minadas por outros candidatos.

Moreira Franco, agora, quer disputar uma cadeira na Câmara dos Deputados. Newton Cardoso tem projeto igual: também sonha com uma cadeira na Câmara, tendo ao lado a mulher, Maria Lúcia.

Orestes Quércia, que ouvira pedidos de companheiros de todos os Estados para que disputasse a eleição agora enfrenta muitas dificuldades em seu Estado. O PMDB de São Paulo não dispõe de um nome forte para disputar o Palácio dos Bandeirantes e terá de enfrentar candidaturas de peso, sobrevividas da eleição presidencial: Lula, do PT, Covas, do PSDB e Maluf, do PDS — os três ou, pelo menos, dois deles, se um tiver chegado ao Planalto. Quércia, que guarda rancor de Fernando Henrique Cardoso desde 1986, quando este disputou o Governo, passou recentemente pelo dissabor de ver as suas bases rejeitarem o seu conselho de descarregar votos em Leonel Brizola e trabalharem por Covas.

Entre os comensais da casa de Minas, só Tasso Jereissati conseguiu destaque. Teve a ousadia de deixar Ulysses Guimarães por Mário Covas, depois de um longo namoro com Fernando Collor. Mesmo que o seu candidato não seja o eleito, Jereissati conseguiu marcar a sua liderança no Ceará — o que não ficaria muito nítido se apoiasse Collor. Isso porque o candidato do PRN já tem marcados os seus votos no Estado e o que viesse a partir da liderança do Governador ficaria diluído.